



Paisagem Tipográfica Artesanal de Caxias do Sul¹

Deise Lume²

Marcos Brod Junior³

Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul - RS

RESUMO

Fundada por imigrantes italianos, Caxias do Sul se desenvolveu rapidamente a partir do comércio e, posteriormente, da indústria, criando uma cultura com base em valores como o trabalho e a família. A consequência disso é um contexto econômico que valoriza muito o negócio familiar, oportunidade muito boa para a comunicação visual e a publicidade digitais, mas também para os letreiramentos populares, uma alternativa para a comunicação de negócios de menor porte. Olhando ao redor, é possível perceber as inúmeras manifestações que surgem no espaço urbano e que se misturam às estratégias da publicidade. Essas inscrições que invadem paredes, muros de edifícios e objetos são letras produzidas manualmente e aparecem em qualquer local onde exista uma necessidade de comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação visual; cultura popular; Publicidade e Propaganda; tipografia.

Tipografia Artesanal Urbana

A tipografia surgiu como a arte de imprimir a partir do tipo móvel, mas a evolução das tecnologias aplicadas ao design gráfico trouxeram ao termo novos significados. Ela é um dos principais elementos da comunicação visual e seu conhecimento e uso adequado são fundamentais para qualquer projeto gráfico.

Mas tipografia pode ir muito além de textos ordenados em uma página ou de uma frase em um anúncio. À margem das mídias convencionais, a tipografia popular é um ato comunicativo que aparece discretamente no dia-a-dia. Uma forma anônima de comunicação, esta escrita é capaz de estimular a criatividade tanto do artista quanto do leitor. Por vezes excêntricos e irregulares, por outras rigorosamente desenhados e medidos, os letreiramentos artesanais fazem parte da cultura do povo, uma manifestação do publicitário e artista de cada um. Cada pessoa que possui uma necessidade de

¹ Trabalho apresentado no DT 02 - Publicidade e Propaganda do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 12 a 14 de maio de 2011.

² Graduada em Publicidade e Propaganda - UCS, e-mail: dlume@yahoo.com.br

³ Orientador do Trabalho. Prof. Dr. Marcos Brod Junior, professor de Publicidade e Propaganda da UCS, email: brodjunior@terra.com.br



comunicação torna-se um designer de letras em potencial. Elas estão presentes em cartazes, fachadas, muros. Ao olhar para qualquer lado é possível ver palavras expressando a arte de um indivíduo, refletindo a cultura de uma sociedade.

Por isso, a pesquisa visa ser uma contribuição de grande valia à comunicação visual e aos estudos de desenho de fontes, destacando o valor histórico e artístico da cidade de Caxias do Sul e do povo; contribuindo para a valorização da cultura popular e também para o orgulho de quem a faz e analisando o processo criativo (consciente ou inconsciente) envolvido no desenho artesanal de tipos.

Antes de dar início à pesquisa, porém, a definição de alguns termos (feita através de revisões bibliográficas) foi necessária. Tipografia Artesanal Urbana nada mais é do que o desenho de caracteres feitos à mão, encontrados no ambiente urbano e que possuem características da cultura popular. Não raramente, os termos popular e artesanal se confundem e se complementam na bibliografia a respeito do tema. Para *tipografia artesanal*, por exemplo, termos como tipografia popular, cultura popular e vernacular funcionam como complementos, pois se tratam das raízes da técnica, de suas características básicas.

A intencionalidade e o caráter democrático dos letreiramentos constituem mais dois aspectos da tipografia artesanal que, juntamente com a irregularidade nos desenhos das fontes, se complementam. De acordo com Martins e Vaz (2006, p. 150), "essas inscrições têm sua razão primeira de ser no próprio ato de comunicar, estão ali para serem lidas". Este caráter democrático da produção diz respeito à facilidade com que as fontes artesanais podem ser criadas e reproduzidas, pois podem ser realizadas por qualquer pessoa. Aliado à acessibilidade de produção, esse caráter democrático reforça a característica do popular e reafirma opiniões e informações do povo através de meios do próprio povo.

A demanda por uma inscrição manual urge com mais intensidade em locais em que o acesso a determinadas tecnologias [...] é restrito. Mas é importante destacar que qualquer indivíduo que tenha uma demanda de comunicação pode, potencialmente, produzir tipografia popular. (MARTINS; VAZ, 2006, p. 156).

Ainda segundo Martins e Vaz (2006), apesar de seguir padrões e regras - muito parecidos aos da tipografia digital em certos casos - o desenho de uma letra nunca será idêntico ao da mesma que se repete adiante, "mesmo quando há uma continuidade no estilo ou maior habilidade na técnica". Isso faz com que essa tipografia carregue em si uma variedade muito rica em significados.



A irregularidade no desenho das fontes, aliada à liberdade que este tipo de arte concede ao artesão, fazem com que fiquem embutidos significados secundários, seja pelas formas, pelo suporte ou pelo contexto onde essa tipografia é lida. Detalhes, desenhos que acompanham a mensagem e as cores também são características que influenciam fortemente na interpretação das mensagens. Essa liberdade também diz respeito às formas e suportes onde as fontes serão aplicadas, pois na comunicação visual popular, unindo as técnicas de pintura com a criatividade do artesão, qualquer objeto pode se tornar um meio de comunicação.

A fim de analisar o processo de criação e desenho das letras e as técnicas utilizadas para a pintura dos letreiros, foram realizados estudos exploratórios na cidade de Caxias do Sul. Fazem parte destes estudos entrevistas com dois pintores letristas caxienses e um levantamento fotográfico para identificar alguns dos principais tipos utilizados nas pinturas.

O roteiro da pesquisa abrangeu os bairros Centro, Lourdes, São Pelegrino, Santa Catarina e Pio X, por possuírem maior concentração de casas comerciais. Durante os trajetos, foram identificadas 11 famílias de tipos manuais que representam os demais estilos encontrados pela cidade. Essas famílias foram analisadas e foi proposta uma classificação baseada nos autores Fonseca e Bringhurst. As famílias também foram analisadas sob os aspectos estruturais, morfológicos e funcionais, seguindo o método utilizado por Gui Bonsiepe (1986), no livro *Metodologia Experimental: Desenho Industrial*.

a) **Análise Estrutural:** é reconhecimento e compreensão dos elementos que compõem a letra (haste, serifa, braço, etc). Através da observação das qualidades individuais de cada componente é possível compreender a estrutura total da mensagem.

b) **Análise Morfológica:** compreende as relações estético-formais dos elementos visuais como as formas, a composição, os critérios de contraste e simetria, a harmonia, o equilíbrio e o ritmo.

c) **Análise Funcional:** refere-se ao reconhecimento e compreensão das características técnico-funcionais do objeto analisado.

A avaliação das tipografias populares seguirá a proposta de Frascara (2006): desenhos para informação, para persuasão, para educação e para administração. O desenho para informação consiste em dois aspectos: a organização da informação (conteúdo) e o planejamento de sua apresentação visual.



A detecção, a acuidade (agudeza) visual, e a compreensão, são preocupações centrais do Desenho para Informação. O designer de informação deve ter um bom conhecimento de fatores humanos perceptivos e cognitivos. Frequentemente a falta de espaço em uma situação informativa ou a falta de bom projeto resultam em dificuldades para os usuários. (FRASCARA, 2006, p. 128)



Figura 1: Famílias de tipos fotografadas em Caxias do Sul
Fonte: da autora

Já o desenho para persuasão é aquele destinado a influenciar o comportamento das pessoas e inclui três linhas fundamentais: a publicidade (comercial e não-comercial); a propaganda (política ou ideológica); e a comunicações de interesse social (saúde, higiene, segurança, prevenção de acidentes, etc.). São as duas classificações nas quais a tipografia artesanal urbana se encaixa.



Tipografia artesanal: um antigo ofício

Como manifestação do design informal, surgida antes mesmo da oficialização da profissão no Brasil e no mundo, os registros dos primeiros letreiramentos populares remontam a períodos históricos distantes e difíceis de precisar. (FINIZOLA, 2010, p. 62)

É difícil indicar com exatidão quando surgiram os primeiros letreiros artesanais, já que esta, há até pouco tempo era uma profissão informal. A tipografia com fins comerciais surgiu apenas no século XIX com a industrialização e a consequente mudança nos hábitos de produção e consumo. Nesta época haviam as oficinas tipográficas, responsáveis pela confecção de impressos e, paralelamente, havia as oficinas de pintura, encontradas mais ao centro e leste do país. Em Caxias do Sul o ofício se desenvolveu informalmente, através de trabalhadores autônomos e oficinas caseiras.

Os letristas formam um grupo muito heterogêneo tanto em materiais e técnicas como em níveis de habilidade e de instrução. A maioria destes profissionais possuem grande habilidade e domínio da técnica, reflexo do tempo de profissão e da prática. Em Caxias do Sul existem vários pintores de letras artesanais com características únicas e histórias diferentes. Dois deles deram seus depoimentos para este trabalho sobre suas técnicas, materiais e o futuro da profissão.

Flávio Schneider

Flávio Schneider, hoje com 53 anos, começou cedo. Aos 7 anos, acompanhava o irmão, que trabalhava com a pintura de muros em Porto Xavier (RS) e observava com atenção. Aos 9, começou a trabalhar com os letreiramentos.

Na data da entrevista, ele pintava um tapume de construção no Bairro Salgado Filho com base em uma arte feita em computador. Segundo ele, a maioria dos trabalhos vem prontos do cliente e são transferidos para o muro, pois a tipografia feita à mão está ultrapassada e a maior parte dos trabalhos feitos por ele tem base na tipografia digital. Proprietário da empresa Schneider Letreiros e Adesivos, o pintor acredita que a "era da informática" veio, por um lado, para ajudar e por outro, para atrapalhar a profissão do



pintor letrista, pois as pessoas começam a optar pelos trabalhos digitais, que são mais modernos.



Figura 2: Flávio Schneider
Fonte: da autora

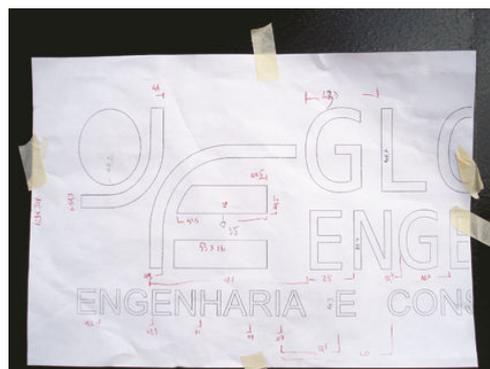


Figura 3: Materiais utilizados e matriz digital
Fonte: da autora

Mas a ajuda digital veio em boa hora. Antigamente recolhidas em jornais e nas cartelas de letra sete, as letras que ele utilizava como moldes eram recortadas e ampliadas com copiadora e projetores. Hoje, através da arte pronta no computador, amplia as letras com o projetor até obter o tamanho necessário. Chegando ao local, Schneider mede a parede, traça as linhas guias de base, topo e mediana e, a lápis, faz o desenho da letra com o molde. A habilidade ganha com o tempo e a experiência na profissão são visíveis: com a mão firme, ele traça uma linha reta com o pincel e começa a dar forma às letras.

Jocemar Ivan Pereira Leicht

A profissão de Jocemar, 43 anos, foi uma herança de família. Ele começou a trabalhar com o pai e o irmão aos 9 anos de idade. No início, Leicht somente pintava a parede com a tinta de base e depois observava o pai fazer o desenho e colorir. Hoje, trabalha por conta como artesão. Desenha as letras a próprio punho e diretamente no muro, sem moldes.

No dia da entrevista, Leicht pintava a fachada de uma escola infantil. O trabalho englobava a pintura da fachada (tinta base), a decoração do espaço com ilustrações infantis, a reprodução do logotipo e outros dados com letras feitas à mão. Apenas com uma régua para medir a proporção do desenho, Leicht desenhou a logomarca e os números do telefone com um lápis para depois pintar com tinta. A habilidade também é visível, principalmente ao traçar, com perfeição, as curvas do desenho das letras.

Além da técnica de pintura de muros, o letrista também faz decoração de vitrines, principalmente na época do Natal. A técnica é um pouco diferente. Ele faz o desenho invertido em uma folha e fixa na vitrine. Do lado de dentro da loja, pinta o vidro baseado no desenho colado por fora.



Figura 4: Fonte criada por Leicht
Fonte: da autora

Quando questionado a respeito da tipografia feita à mão, sem moldes, o pintor não hesitou em pegar um pincel e traçar, no chão mesmo, a palavra "infantil" com facilidade e delicadeza nos traços e descrevendo cada passo. A criação é do próprio pintor, para textos de apoio.

Através das entrevistas, foi possível distinguir três técnicas de letreiramentos populares comuns na cidade e apresentadas na figura:

Técnica	Pintor-letrista	Características
Pintura de Vitrines	Leicht	Desenho: reprodução de negativo Tipografia: manual / livre Materiais: tinta guache, pincéis, papel para matriz
Pintura Manual	Leicht	Desenho: manual / livre Tipografia: manual / livre Materiais: tinta predial, pincéis, lápis e borracha
Reprodução	Schneider	Desenho e tipografia: reprodução a partir de arquivo digital Materiais: matriz feita com retro-projetor, tinta predial, pincéis, lápis e borracha

Figura 5: Técnicas
Fonte: da autora

Os Tipos de Caxias do Sul

Há uma grande variedade de estilos entre os trabalhos encontrados, inclusive em uma mesma arte. As fontes de influência caligráfica se misturam com fontes caixa-alta, por vezes mais góticas, com serifa ou sem, e a influência digital aparece na maioria das pinturas. Entre as fontes encontradas nos roteiros da pesquisa foi possível perceber a influência das fontes caligráficas e das góticas sem serifa e as reproduções de fontes digitais. É muito comum, também, a ocorrência de desenhos acompanhando as pinturas, como ícones decorativos e complementares da mensagem.



Figura 6: Tipografia artesanal em Caxias do Sul
Fonte: da autora



Figura 7: Desenhos e ícones
Fonte: da autora

Do ponto de vista tipográfico, a cidade de Caxias do Sul apresenta-se como uma fonte muito rica de pesquisa. Estes letreiramentos, devido ao processo manual que os origina, apresentam uma certa irregularidade nas formas e na estrutura. Mesmo assim, a semelhança entre os trabalhos do mesmo pintor aparecem antes de identificar a assinatura do letrista (muito comum nos muros pintados). Há também a semelhança entre os estilos de artistas diferentes, seja pela técnica utilizada ou pela influência de fontes já muito utilizadas ou digitais.

A partir do levantamento fotográfico, onze fontes foram selecionadas para uma análise mais aprofundada da estrutura e utilidade das letras, bem como da influência ou não de estilos tipográficos e a proposta de uma classificação para elas. (As nomenclaturas utilizadas para a classificação foram dadas pela autora deste trabalho.)

a) O corpo do tipo: Todas as fontes analisadas são direcionadas para a comunicação visual e a promoção. Relembrando a classificação de Gouveia e Farias (citada por Finizola 2010), os letreiramentos populares se enquadram na categoria de Tipografias Comerciais, por isso, precisam chamar a atenção. Para tanto, os letristas artesanais fazem uso de corpos, em média, superiores a 48 pontos (do sistema Didot, adotado no Brasil).

b) Entrelinhas e entre letras: O entrelinhamento e os espaços entre as letras não segue um padrão nem mesmo entre os trabalhos de um mesmo artesão. Isto porque o processo manual que dá origem aos letristas artesanais não permite um padrão. Algumas fontes são desenhadas diretamente no suporte e outras são feitas a partir de linhas guias para o tamanho das letras. É interessante ver, em pinturas informais (não-feitas por pintores profissionais), que o entrelinhamento e o entre letras muda conforme o texto vai preenchendo o espaço disponível. Geralmente o espaçamento diminui quando o pintor detecta a falta de área por causa de um espaçamento maior no início. O



processo manual faz com que estes espaçamentos acabem sendo um processo mais visual e espontâneo do que mecânico.

d) Peso: Nota-se a tendência a utilizar tipos com estilo bold ou negrito, mais chamativos e de melhor leitura à distância; para isso, são escolhidos pincéis de espessura mais grossa. Mas também é comum encontrar as variações de peso: fontes com peso regular e light, utilizadas como texto complementar ou para obter outros resultados além de chamar a atenção do público.

e) Critérios de Uso - com base em Sanders & McCormick (1987, apud MORAES; BALSTER; HERZOG, 1996): Quanto à visibilidade, as fontes chamam a atenção pelo corpo e pelo peso e por se encontrarem geralmente em locais de destaque e em suportes que valorizam o contraste figura x fundo. Os demais critérios (legibilidade, discriminabilidade e leiturabilidade) variam muito de uma fonte para outra. Mas em todas as pinturas, percebe-se a preocupação em fazer com que o público receba a mensagem da forma mais eficaz e correta possível.

Uma Proposta de classificação

Assim como o estilo gótico encontrou vários padrões visuais de acordo com o país em que se desenvolveu, podemos dizer que também existam padrões visuais de letramentos populares mais ou menos peculiares a esta ou aquela região de acordo com suas influências e referências culturais.

1. Quanto à Técnica

a) Pintura Manual: caracteriza-se por seu caráter artesanal. São as fontes feitas à mão livre ou criadas pelos próprios pintores letristas. Um exemplo são as fontes utilizadas pelo letrista entrevistado, Leicht.

b) Reprodução: são as pinturas feitas a partir de artes digitais. Englobam a reprodução de logotipos e famílias tipográficas com uso de matrizes, projetores e outros equipamentos de ampliação/redução. São as técnicas utilizadas por Schneider, também entrevistado.

2. Quanto à Autoria

a) Profissionais: feitas por pintores letristas com formação ou experiência na área, que desenvolvem os letreiros como uma atividade regular. As fontes feitas por estes profissionais geralmente apresentam melhor acabamento e seguem um padrão de estrutura. Pode-se perceber maior preocupação com a legibilidade e a organização das informações.



Figura 8: Tipografia profissional e amadora
Fonte: da autora

b) Amadoras: feitas por não-especialistas na profissão. Podem ser donos ou funcionários de estabelecimentos comerciais onde haja uma necessidade de comunicação. Devido ao amadorismo com que são feitas (muitas vezes às pressas, com materiais de baixa qualidade ou improvisados) a preocupação com legibilidade, beleza e organização das informações nesta categoria de letreiramentos é bem menor.

3. Quanto aos elementos estruturais

Entre os letreiramentos estudados na cidade, observou-se características semelhantes às fontes digitais que se enquadram em algumas das categorias propostas por Fonseca (2008):

a) Cursivas e Caligráficas: Com características de traços e estrutura semelhantes às manuscritas e caligráficas, tanto antigas quanto digitais, é possível perceber características particulares em cada arte. Os alfabetos são compostos por caixa-alta e baixa e os eixos apresentam inclinações em diversos ângulos.



Forma	Curvas e traços leves, hastes levemente inclinadas
Proporção	Geralmente regular entre os caracteres
Peso / Contraste	Peso varia (leve e normal), contraste discreto.
Serifas / Terminais	Sem serifa. Terminais arredondadas ou pontiagudas, dependendo do picel.
Exemplos	Pereira, Seguro e Aberto

Figura 9: Fontes artesanais cursivas e caligráficas
 Fonte: da autora com base em Finizola (2010)

b) Grotescos: com características muito parecidas às fontes Gordas, apresentam terminações retas, baseadas nas letras geométricas e sem serifa.



Forma	Traços geométricos e hastes retas
Proporção	Regular entre os caracteres
Peso / Contraste	Peso normal, bold. Contraste discreto ou nulo
Serifas / Terminais	Sem serifa. Terminais retas, resultantes do traçado do pincel.
Exemplos	Lilly e Mickey

Figura 10: Fontes artesanais grotescas
 Fonte: da autora com base em Finizola (2010)

c) Decorativos (Fantasia): Apresentam efeitos de decoração (sombras, brilhos, contornos, entre outros) e são, geralmente, utilizadas em títulos e nomes dos locais.



Forma	Varia: desenho pelo autor, detalhes decorativos
Proporção	Varia: desenho pelo autor.
Peso / Contraste	Varia: geralmente bold ou black.
Serifas / Terminais	Varia: desenho pelo autor.
Detalhes	Internos/Externos: Sombras, contornos, brilhos, etc.
Exemplos	Altruísta (brush), Restaurante (sombra)

Figura 11: Fontes artesanais decorativas
 Fonte: da autora com base em Finizola (2010)

d) Gordos: a principal característica são as terminações arredondadas ou curvas, resultado do traçado do pincel utilizado. Os alfabetos apresentam caixa-alta e baixa, largura condensada, que, aliada ao traço grosso, lhes confere peso e contraste quase nulo.



Forma	Curvas discretas, traços grossos e hastes paralelas
Proporção	Regular entre os caracteres
Peso / Contraste	Peso bold, black. Contraste discreto ou nulo
Serifas / Terminais	Sem serifa. Terminais arredondadas ou retas, dependendo do pincel.
Exemplos	Diverço, Jurema, Salão e Curzel

Figura 12: Fontes artesanais gordas
Fonte: da autora com base em Finizola (2010)

Considerações Finais

Nas entrevistas e na pesquisa fotográfica realizadas durante os meses de setembro e outubro de 2010, foi possível constatar que, mesmo com a computação gráfica, ainda é forte a participação dos processos manuais na criação tipográfica. Qualquer pessoa que possua uma demanda de comunicação pode ser um desenhador de tipos, considerados "tipos artesanais populares". Outro fato é que o ofício de pintor letrista continua a ser procurado como alternativa para certos suportes onde a impressão digital não é viável e onde o orçamento é mais limitado. Assim, de acordo com os profissionais entrevistados, a profissão não irá desaparecer tão rapidamente.

Foi possível identificar, ainda, duas categorias de tipografia artesanal através das pesquisas: (I) a manual espontânea e (II) a reprodução de tipos digitais. A primeira é rica em sua estrutura e desenho, pois carrega consigo a manifestação da cultura do desenhador. Uma manifestação híbrida, cheia de significados e interferências de outras culturas e do meio. A segunda, igualmente rica, mas em técnica, é capaz de reproduzir fielmente uma letra feita por um computador.

Após realizadas as análises fotográficas foi possível perceber algumas particularidades dos letramentos populares. As formas, o contraste e a diagramação das informações revelam, por um lado, características individuais do pintor letrista e por outro, as influências sofridas pelo ambiente, pelas referências digitais e pela cultura



global. Tudo isso faz da tipografia artesanal urbana uma fonte rica para pesquisa, e nesse sentido, um campo com inúmeras possibilidades para o design gráfico.

A tipografia urbana de cada região revela um pouco dos hábitos e da cultura local. Os elementos visuais são influenciados, entre outros, pelos aspectos econômicos, locais, educacionais e tecnológicos de uma determinada sociedade em um determinado período. Na região de Caxias do Sul, a tradição e o zelo pelos negócios familiares traz a preocupação com a comunicação visual e a identificação de estabelecimento de forma clara e bem cuidada. Por isso, percebe-se a busca da legibilidade e do bom acabamento em grande parte dos casos, bem como a valorização do trabalho do pintor letrista.

REFERÊNCIAS

BONSIEPE, G.; KELLNER, P.; POESSNECKER, H. **Metodologia experimental: desenho industrial**. Brasília: CNPq/Coordenação Editorial, 1984.

BRINGHURST, Robert. **Elementos do Estilo Tipográfico**. Versão 3.0. São Paulo: Cosac & Naify, 2005. 423 p.

FINIZOLA, Fátima. **Tipografia Vernacular Urbana: uma análise dos letreiramentos populares**. Coordenação Priscila Farias. São Paulo: Bulcher, 2010. 112p.

FONSECA, Joaquim da. **Tipografia e design gráfico: design e produção de impressos e livros**. Porto Alegre: Bookman, 2008. 280p.

FRASCARA, Jorge. **El diseño de comunicación**. Buenos Aires : Infinito, 2006.

MARTINS, Bruno G.; VAZ, Paulo B. F. **Tipografia Popular: para perceber o ilegível**. ALCEU, Rio de Janeiro, RJ: v.7, n.13, p. 149-164, jul/dez 2006.

MORAES, Anamaria de; BALSTER, Marcos; HERZOG, Pedro. Legibilidade das Famílias Tipográficas. In.: P&D Design 96. Anais, Rio de Janeiro, 1996, cap X, p. 7-21.